

albânia

Ano 1 N° 2 20\$00 Dezembro 78

1944 - 1978
34° ANIVERSÁRIO
DA LIBERTAÇÃO



ENTREVISTA
COM O ENGº
MENDES ESPADA



CARTAS À REDACÇÃO

Publicamos neste número,
2 cartas que nos parecem significativas
das opiniões dos leitores

Das deficiências apontadas pelos leitores,
corrigimos algumas e envidaremos todos os esforços
para corrigir outras futuramente.

Queridos amigos:

Tomei hoje contacto com a revista da Associação de Amizade Portugal-Albânia, o que me veio encher de alegria. Embora ultimamente me tenha "desleixado" com a nossa AAPA e as suas actividades. E penso que a melhor maneira de me redimir será actualizar a minha cotização e assinar a revista, isto numa primeira fase. Numa segunda fase procurarei dar um apoio mais assíduo à Associação, comprando as suas publicações, participando nas suas actividades ou buscando assinaturas para a "Albânia".

Mas vamos ao assunto que me motivou dirigir-me à revista de que o Dr. Roque Laia é director.

A "Albânia" vem preencher um espaço importante que há muito havia sido deixado vago, desde que as anteriores revistas haviam sido suspensas. A defesa da Albânia e a divulgação da realidade do pequeno país das margens do Adriático ficam, assim, fortificadas.

Embora globalmente não possa apontar grandes defeitos à nova publicação, há um que não quero deixar em claro: é o da distribuição dos artigos e da paginação.

De facto todos os artigos me parecem importantes e oportunos, mas pareceram-me bastante baralhados no todo que é a revista. Exemplos concretos: na secção "Actualidade Albanesa" (pag.5) referem-se questões ligadas ao basquetebol, voltando-se ao mesmo assunto mas noutro texto, na pag. 16. Na pag. 17 "O Dicionário" e "Filatelia" aparecem-nos um pouco "caídos do céu", numa página, à primeira vista, dedicada a aspectos ligados à "Albânia" e à AAPA, com a agravante de "Filatelia" nem ter uma "palavrinha" de apresentação e informação.

Comentário à visita de H. Kuo-feng aos Balcãs deveria vir junto aos artigos que se debruçam sobre as divergências sino-albanesas.

Penso que outros exemplos poderiam dar, mas não pretendi uma análise exaustiva. Apenas referi os aspectos que me saltaram à vista logo às primeiras leituras.

Assim, penso igualmente, que se poderia ultrapassar estes aspectos através de uma melhor distribuição dos artigos pelas páginas.

No seguimento deste reparo, sugeriria até como forma de racionalizar a revista e torná-la mais dinâmica e de mais fácil consulta, que se estabelecessem secções, como por exemplo, ECONOMIA, MULHER, ORGANIZAÇÃO DA SOCIEDADE, CULTURA E ARTE, HISTÓRIA, RELAÇÕES INTERNACIONAIS, VIDA DA AAPA (para a última página), e muitas outras que seria fastidioso estar a enumerar.

Ainda mais algumas sugestões:

O dicionário trazer a indicação da pronúncia das palavras, pois creio interessar aos leitores, mais que a ortografia, a forma como é a sua tradução verbal.

Além da filatelia, que poderia ser acompanhada de referências históricas, também poderia haver espaço para a numismática ou filumenismo.

À semelhança do que já começa a ser feito em publicações anteriores, poderia a revista incluir, digamos, em "episódios" a história da Albânia.

Dever-se-ia, dentro do possível, procurar que os pequenos artigos (tipo "Albânia/URSS", pág. 4) ficassem todos na mesma página.

Quanto às assinaturas da revista, porque não sugerir aos leitores e amigos da "Albânia" que ofereçam uma assinatura da revista, como presente de época natalícia?

Queridos amigos:

Não quero esgotar hoje a minha contribuição (modesta já se vê) para as "Cartas à Redacção" da "Albânia" e por isso, aqui me fico, esperando que aqui que aqui escrevi possa contribuir para o melhoramento da revista.

Com saudações fraternas
F. Moreira

Muita alegria me deu saber que a nossa Associação ia editar regularmente uma revista sobre a Albânia. Estou certa de que a difusão da revista por intermédio dos sócios irá despertar muita gente para a realidade de um país ideológica, política e socialmente avançado como é a RPSA, e consequentemente trazer novos sócios à Associação.

Venho por este meio fazer uma assinatura de 10 números da revista "Albânia" pelo que junto envio um cheque no valor de 120\$00.

Cumprimentos de A. B.

NESTE NÚMERO

29 de Novembro
A Albânia liberta-se
da ocupação fascista 2

A Albânia deve ser o país
europeu que mais
rapidamente progrediu 4

As águias permanecem livres 6

Libertação de Tirana 8

A iniciativa foi um êxito ... 10

O corte chinês.
Um carácter profundamente
ideológico e político 12

Da Albânia para todo o
mundo 13

Actualidade Albanesa 15

albânia

Preço: 20\$00

Nº 2 ANO 1

"ALBÂNIA"

Publicação bimestral

Proprietário:

Luís Borges

Sede e administração:

R. D. João IV, 380 1º, Porto

Correspondência:

Apartado 2435, Lisboa

Composto e impresso:

Grua Artes Gráficas Lda

Calç. Barbadinhos, 114 A, Lisboa

Director:

MARIANO ROQUE LAIA

Chefe de Redacção:

JOSÉ M. BIO

Redacção:

ISABEL ALVES

ISABEL FARIA

MIGUEL MIRANDA

ALBERTO OLIVEIRA

JOSÉ CARLOS

Albânia

1 O acolhimento dispensado ao primeiro número de "Albânia" (cuja edição praticamente se esgotou) possibilita o aparecimento deste segundo número e mostra, como consequência deste acolhimento, que a revista terá um largo e duradouro futuro.

Sai este segundo número com algumas modificações (e até correcções) motivadas, não só pela crítica a que a própria redacção submeteu o número anterior, mas também pelas críticas e observações que nos foram remetidas por leitores e assinantes.

Esta forma de colaboração é, conjuntamente com a assinatura da revista, uma das que mais contribuirá para a sua utilização.

Não sendo o corpo redactorial composto por profissionais, mas por um grupo de dedicados e entusiastas admiradores da Albânia, por um punhado de amigos convencidos de que uma das contribuições mais valiosas que se pode dar para a luta dos trabalhadores portugueses é a de tornar conhecida a realidade albanesa, o que esse heróico e denodado povo conseguiu fazer por si próprio, como agiu na construção de um Estado verdadeiramente socialista, compreende-se, que, digamos, dessa "inexperiência" resultem alguns dos defeitos do primeiro número.

Mas, é a análise crítica que deste número farão os nossos leitores, das cartas que nos enviarem com críticas que resultará, de certeza, o aperfeiçoamento dos números seguintes. Aliás, uma das cartas recebidas sobre o número anterior (a que noutra local se faz referência especial) foi um dos elementos que contribuiu para o aperfeiçoamento agora verificado.

2 Versa este número sobre a libertação da Albânia que se comemora tradicionalmente a 29 de Novembro de 1944, data em que o governo provisório revolucionário se instalou em Tirana, recém-libertada do invasor fas-

cista. Fez-se assim termo a quase seis anos de árdua e sangrenta luta armada que, para o povo albanês, representou a sua sobrevivência como nação independente.

A vitória no campo de batalha, possibilitou a vitória no campo político, social e económico: a edificação duma pátria real e verdadeiramente socialista que, por o ser, tantos engulhos e ódios suscita aos pseudo-socialistas.

Com a libertação de Novembro de 1944 e com a via socialista então escolhida pelo pequeno povo dos Balcãs, a Albânia inscreveu o seu nome na História ao lado daquele punhado de nações que apontaram à humanidade uma nova via. O corte com a URSS em 1961 recusando-se a desviar dos princípios definidos a sangue e fogo em 1944, não cedendo à chantagem brutal dos novos dirigentes soviéticos, veio projectar a Albânia a um novo plano mundial.

E é agora a China! O corte brutal e unilateral do governo e do partido comunista chinês, as posições de princípios, claras e destemidas dos dirigentes albaneses, vieram dar ainda maior importância ao papel que a Albânia e o seu povo desempenham no mundo actual.

Hoje, ao comemorarmos o 34º aniversário da libertação da Albânia, estamos certos de que, tal como anteriormente, ela venceu o isolamento com que a URSS a tentou vergar, não capitulará. Cerrou dentes, trabalhou ferozmente produziu o pão que come, fabricou os elementos básicos da sua economia, também agora a Albânia não capitulará perante a felonía chinesa.

A volta dela, oferecendo-lhe o apoio da sua cooperação internacionalista, esclarecendo uns, desmascarando outros, todos os verdadeiros amigos da Albânia verificarão que — uma vez mais — a Albânia não se intimida, não se amedronta, não claudicará.

Habituada a lutar e a vencer, habituada a contar consigo própria e consciente do apoio internacional de que dispõe, a Albânia prosseguirá a sua via histórica.

M. ROQUE LAIA

ASSINATURAS

Continente e Ilhas

5 nºs 100\$00
10 nºs 160\$00

EUROPA

5 nºs 220\$00
10 nºs 400\$00

Outros Países

5 nºs 350\$00
10 nºs 560\$00

A revista "Albânia"

Apartado 2435
Lisboa

5 nºs ☐

10 nºs ☐

(assinalar o que interessa)

Queiram considerar-me assinantes pelos nºs acima indicados, a partir do nº (inclusive)

NOME

MORADA

Envie o cheque/vale nº

Assinatura



Cronologia da luta de libertação

Apresentamos seguidamente algumas das principais datas que marcaram a heróica luta de libertação do povo albanês.

1939

25 Março

— o Governo italiano apresenta ao Governo albanês o projecto de tratado sobre a legalização da ocupação da Albânia.

3 Abril

— manifestações em Tirana e outras cidades onde a população pede armas para resistir aos italianos.

5 Abril

— ultimato do Governo italiano.

7 Abril

— as tropas fascistas iniciam a ocupação da Albânia. Resistência tenaz de grupos de patriotas em vários pontos do país.

1 Setembro

— a Alemanha nazi ataca a Polónia. Começa a II Guerra Mundial.

28 Novembro

— no 27º aniversário da Independência efectuem-se manifestações antifascistas.

1941

22 Junho

— a Alemanha invade a URSS.

28 Junho

— grande manifestação em Tirana, dirigida por Enver Hoxha.

8 Novembro

— funda-se o Partido Comunista da Albânia.

28 Novembro

— grandes manifestações em todo o país.

1942

Abril

— formação dos primeiros destacamentos de guerrilheiros.

5 Maio

— morre Qemal Stafa, membro do CC do PCA durante um combate com os mercenários fascistas.

24 Julho

— na primeira acção nacional conjugada, as guerrilhas cortam as linhas telegráficas em toda a Albânia.

16 Setembro

— I Conferência de Libertação Nacional em Peza. Foi eleito o Conselho Geral de Libertação Nacional.

Setembro

— expedição punitiva, dos fascistas, contra Peza.

Trinta e quatro anos se passaram já sobre o dia em que os guerrilheiros do Exército de Libertação albanês derrotaram definitivamente o agressor nazi. Terminava assim essa epopeia gloriosa em que o povo albanês afirmou a sua identidade nacional e o seu desejo firme de independência e liberdade.

Torna-se cada vez mais difícil procurar fazer um balanço circunstanciado das realizações que, no decorrer destes trinta e quatro anos, foram surgindo, a marcar os sucessivos passos da construção dum país socialista. À medida que os anos passam vão-se somando os progressos e a Albânia de outrora, a Albânia dos senhores feudais, da agricultura medieval, dos pequenos artesãos enchendo as ruas das poucas cidades existentes, encontra-se cada vez mais distante dos nossos olhos para que seja fácil estabelecer um termo de comparação.

Tomemos por exemplo um albanês que tenha deixado o seu país em 1938 e que hoje voltasse de novo a encontrá-lo. Que diferenças veria? Que aspectos despertariam a sua atenção?

34 anos depois...

Ibrahim Kodra é um pintor de origem albanesa que em 1938, com a idade de 18 anos deixou o seu país natal. Quatro anos depois teve a oportunidade de aí passar alguns dias mas durante mais de trinta anos esteve ausente.

“Voltei à Albânia após trinta e um anos de ausência”, afirma — tinha dezito anos quando deixei o meu país natal. Cresci no internato ‘Naim Frasheri’ e a minha infância foi passada em Ishem.

Deixei a minha pátria na maior melancolia, sofrendo as graves consequências da sua dura condição social e política. Mais tarde estive ao corrente das transformações que se operaram na Albânia graças ao socialismo, mas as minhas recordações de infância ligavam-me às tristes imagens de antes da guerra. Pensava que como consequência do grande atraso da Albânia, da sua população reduzida e da pequenez do seu território, nem mesmo o socialismo seria capaz de operar grandes progressos.

Tentado por esses pensamentos, obcecado pelas recordações nostálgicas e o desejo de rever os meus familiares e os camaradas de infância e de escola, aterrei no aeroporto de Tirana.

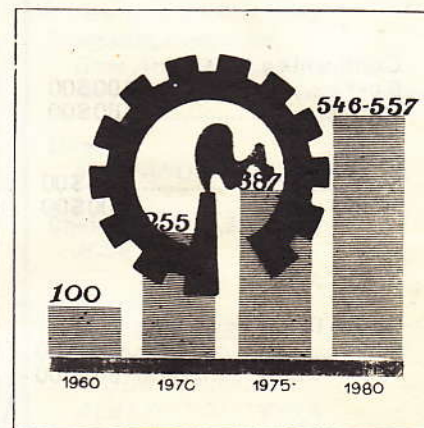
Apresentou-se-me uma Albânia completamente transformada!

Fiquei vivamente impressionado não apenas pelo desenvolvimento económico e o bem-estar incomparável da população mas também pelo desejo que existe para que este progresso seja harmonioso tanto nas grandes como nas pequenas aglomerações, sobretudo no campo. Totalmente electrificada, dotada de escolas, de clínicas, de casas de cultura, de creches e jardins de infância, de par-

ques e de lavandarias, de museus e laboratórios agrotécnicos, a aldeia albanesa, miniatura da vida dos novos centros urbanos, permitiu-me reconhecer que o meu país e o meu povo têm razão de se orgulhar diante do mundo inteiro.”

Este testemunho de um albanês regressado ao seu país é significativo pois dá-nos algumas imagens elucidativas sobre a evolução operada na Albânia.

A Albânia é hoje um país com uma e uma agricultura desenvolvidas. As pequenas oficinas cederam lugar aos grandes complexos e fábricas, a charrua foi substituída pelo tractor, a vela e o candeeiro de petróleo pela energia eléctrica, o analfabetismo pela cultura socialista e por um sistema de ensino avançado.



Produção Industrial global



Cronologia da luta de libertação

1943

2 Fevereiro

— vitória do Exército Vermelho em Estalinegrado.

Junho

— actividades militares em Peza, Mallakaster e Telepene.

1 Julho

— ataque combinado dos guerrilheiros contra Kugar e Permet.

7 Julho

— massacre de Borova. Os alemães fusilam 700 velhos, mulheres e crianças.

10 Julho

— formação do Estado-Maior do Exército de Libertação Nacional (ELN).

8 Setembro

— capitulação, sem condições, da Itália fascista.

14 Setembro

— batalha de Drashovice contra os nazis que invadem a Albânia.

16 Outubro

— os alemães convocam, em Tirana, uma "Assembleia" de traidores. O Exército de Libertação bombardeia a "assembleia".

16 Novembro

— libertação de Gjirokastra

19-22 Dezembro

— operação nazi destinada a eliminar o Estado-Maior do ELN.

1944

Jan-Fevereiro

— operações militares nazis.

24-26 Maio

— I Congresso Antifascista de Libertação Nacional em Permet: criação do Conselho Antifascista de Libertação Nacional; criação do Comité Antifascista de Libertação Nacional com as atribuições dum governo provisório tendo como presidente Enver Hoxha.

14 Junho

— ordem do dia do Comandante do ELN — contra-ofensiva geral.

Agosto-Setembro

libertação de várias cidades.

22 Outubro

— o Comité Antifascista de Libertação Nacional transforma-se em Governo Democrático da Albânia.

17 Novembro

— libertação de Tirana.

28 Novembro

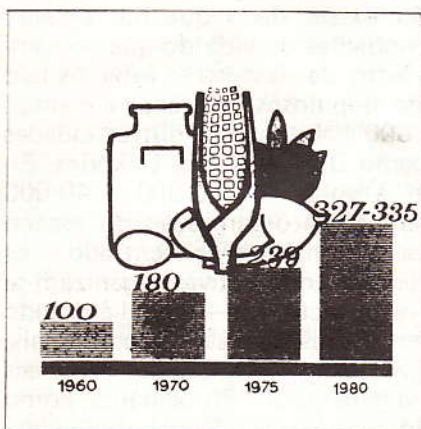
— o Governo Democrático entra em Tirana.

29 Novembro

— libertação de Shkoder e de toda a Albânia.

30 Novembro

— a 5ª e 6ª Divisões recebem ordem de perseguir os nazis na Jugoslávia.



Produção Agrícola global

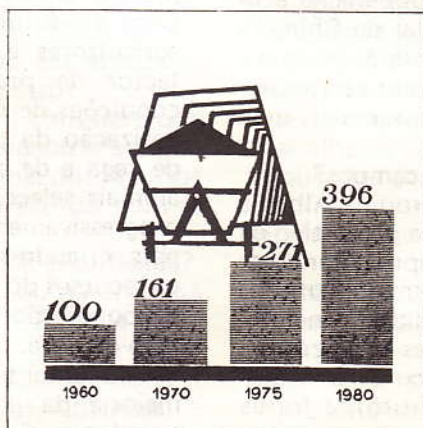
A economia albanesa dispõe hoje dum poderosa base material e económica. A indústria, ramo chave da economia, é hoje capaz de utilizar plenamente os recursos naturais, energéticos e de matérias-primas do país. A indústria extractiva e de tratamento conheceu um impulso notável, permitindo-se colocar entre as principais exportações albanesas; a indústria mecânica produz hoje 86 por cento de todas as peças sobresselentes. A agricultura socialista, ramo fundamental da economia popular, desenvolveu-se e desenvolve-se numa cadência própria de toda a agricultura moderna e diversificada; assegurou o pão necessário ao país, bem como nos outros sectores, cobrindo hoje 85 por cento das necessidades alimentares da Albânia.

Todo este progresso económico foi acompanhado pela melhoria das con-

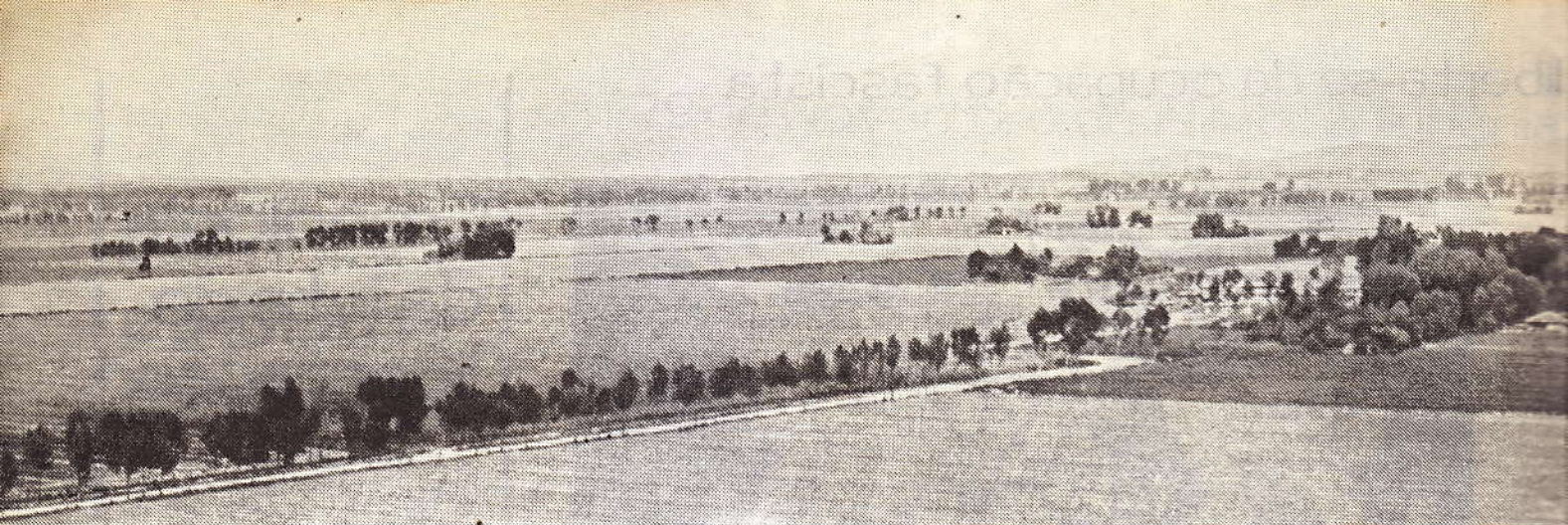
dições de vida da população. O ensino e a assistência médica gratuitos, a electrificação geral, a descentralização cultural, são a imagem duma nova Albânia que viu a sua população duplicar em 30 anos.

Mas, regresemos ao pintor Ibrahim Kodra e às suas impressões:

"Em todo o lado, em todos os contactos que tive, uma coisa pude concluir: todos estes 'milagres' devem-se ao poder popular que o povo, aqui na Albânia, tomou em mãos com maturidade e com um sentimento de grande responsabilidade por este poder, dirigido pelo camarada Enver Hoxha que sempre laborou para o bem-estar do trabalhador, dando um exemplo único ao mundo de quanto pode uma revolução e a energia de um povo."



Produção de Mineral de Crómio



« A Albânia deve ser o país europeu que mais rapidamente progrediu »

entrevista com Eng^o. Mendes Espada *

Porquê o seu interesse em conhecer a Albânia?

O meu interesse em conhecer a Albânia advinha não só do facto de não conhecer nenhum país dito do Leste, mas também de saber que a Albânia era um país com a característica de ter iniciado o seu processo de desenvolvimento de forma diferente do modelo de desenvolvimento soviético, dando particular atenção ao desenvolvimento da actividade agricultura.

A Albânia e o povo albanês pareceram-lhe diferentes daquilo que imaginara ou sabia?

Não me pareceram diferentes, antes pelo contrário, julgo que se confirmou a ideia que fazia de um povo lutando com pertinácia para construir uma nova sociedade, sem contudo ignorar as dificuldades e, portanto, aceitando essa realidade de conquistar prioritariamente o essencial deixando para lugar secundário o que poderemos considerar como caracterizador de uma sociedade de consumo.

Sendo seu interesse a agricultura, o que pensa da importância desta actividade para o povo albanês?

Penso que o povo albanês considera como essencial o progresso da sua agricultura, problema que é de todo o povo, e por esse motivo se orgulha das realizações desse sector, como seja a autosuficiência em cereais; participa na época das colheitas nessa actividade e considera a população activa agrícola como uma espécie de heróis nacionais. Suponho mesmo que com o actual corte da cooperação económica e técnica da República Popular da China, a importância do sector agrícola aumentará, porque é nos resultados deste sector que se garantirá a sobrevivência do povo albanês para ultrapassar mais uma situação de dificuldades.

Sentiu na Albânia abandono pelos campos?

Uma das coisas que mais me admirou na Albânia foi a forma esmerada como se cuidava do cultivo da terra; da sistematização das culturas, aproveitando-se de forma intensiva as planícies com as culturas essenciais para a alimentação da população, incluindo as forragens (vi grandes extensões de luzerna), deslocando para a meia encosta as culturas arbustivas e arbóreas (vinha e árvores de fruto); a forma como a água era utilizada e considerada como um factor de produção tão importante como os fertili-

zantes; e a importância que davam aos problemas da drenagem das terras, o que lhes permitiu transformar pântanos em férteis planícies.

Como apreciou na Albânia a contradição cidade-campo?

Essa contradição existe dado que nas cidades existem melhores condições de vida do que no campo, mas não só o facto de os centros urbanos não serem extremamente populosos — Tirana, a capital, tem cerca de 200 000 habitantes e outras cidades mais importantes como Durres, Vlora, Shkodra, Elbasan, etc., andam à volta dos 50 000 a 40 000 habitantes — mas também a organização do espaço rural ter como base um habitat concentrado — os sectores de produção das cooperativas organizam-se a partir das aldeias nelas incluídas — o qual é dotado de todas as infra-estruturas de base (educacionais, sanitárias e culturais), essas contradições são mais atenuadas do que nalguns países do ocidente, como o nosso por exemplo.

Existe por vezes no nosso país a opinião de que o campo não é uma via a considerar para conquistar o bem-estar dos camponeses; o que pensa desta atitude na Albânia? O que pensa da emancipação económica dos camponeses?

Na Albânia deu-se prioridade à actividade que produz alimentos e a intensificar a sua produção. Com a reforma agrária distribuíu-se pelos pequenos agricultores e trabalhadores sem terra o principal factor de produção — a terra — criaram-se outras condições de melhoria da produção como a da alfabetização da população rural, a execução de obras de rega e de drenagem, a introdução de sementes e animais seleccionados e fornecimento de adubos e, progressivamente, procedeu-se à industrialização do país, criando-se sobretudo indústrias que utilizassem os recursos do país, correspondessem às necessidades da população e que, simultaneamente, absorvessem mão-de-obra.

No entanto, o sector agrícola mantém ainda a maioria da população activa, pelo que a gradual transformação de uma agricultura de agricultores individuais numa agricultura de cooperativas de pro-



dução e com a organização da sociedade com base num habitat concentrado, permitiu criar um mínimo de condições que permitiu conquistar um nível de bem-estar que com outra organização seria impossível ou, pelo menos, mais difícil de conseguir.

Esse nível de bem-estar irá melhorando progressivamente à medida que a população activa agrícola for diminuindo, tal como tem sucedido noutros países do mundo.

A Albânia era um país dos mais atrasados da Europa. Reteve e/ou confirmou esta imagem? A imagem da Albânia do passado?

Se medíssemos o atraso de um país pelo número de automóveis em circulação e não pelas condições de vida que a população usufrui, então diríamos que de facto a Albânia é um dos países mais atrasados. Mas se, pelo contrário, nos debruçarmos sobre as condições de vida da população e constataremos que toda a população usufrui de serviços de saúde, de educação, que a energia eléctrica chega a todas as aldeias albanesas e se pensarmos que tudo isto se fez em menos de 35 anos, então diremos que a Albânia deve ser o país europeu que mais rapidamente evoluiu.

A Albânia é considerada por vezes um país exclusivamente agrícola. O que pensa da relação com a indústria? A industrialização é uma via seguida na Albânia? Constatou ou não a tendência de industrialização nos campos?

A Albânia não é um país exclusivamente agrícola, mas sim um país onde a agricultura se apresenta como o sector mais importante em termos de ocupação da população, mas que, em termos de participação para o rendimento nacional, foi ultrapassada pela actividade industrial, considerando os albaneses que neste momento são um país industrial-agrícola.

Como vê o aproveitamento dos recursos na Albânia, no seu conjunto e no campo em especial? Verificou a possibilidade de um progresso?

Pelo que me foi dado ver ouvir considero que toda a economia da Albânia está organizada e planeada para um aproveitamento racional dos recursos naturais do país, progredindo-se de acordo com as necessidades a satisfazer.

A Albânia é um país de economia planificada? Como observou essa realidade? Achou natural que os albaneses se preocupassem com o Plano e a sua execução?

É da execução do plano que depende toda a melhoria das condições de vida dos albaneses, e todas as realizações não só de carácter económico mas também social são resultado da execução do

plano, pelo que é natural que os albaneses se preocupem com a execução do plano e se sintam orgulhosos com os resultados alcançados.

Sentiu nos albaneses a vontade de produzir com as suas próprias forças?

Sem dúvida, e é exemplo dessa vontade a maneira como se referem ao desenvolvimento da extracção de petróleo em novas regiões, em resultado do trabalho de prospecção dos técnicos albaneses após o corte da assistência técnica da União Soviética.

Considera um "milagre" a Albânia produzir os cereais panificáveis necessários ao seu povo? Sentiu nessa atitude uma preocupação política?

Considero de facto uma realização espantosa e sem dúvida consequência de uma preocupação política.

Pensa que os albaneses praticam a democracia nas cooperativas? Pensa que eles decidem o seu quotidiano?

Penso que sim pelo que me foi explicado. A Assembleia Geral da cooperativa é constituída por todos os cooperantes se ela não inclui mais de uma aldeia; quando os cooperantes atingem várias centenas se não milhares de pessoas, por abrangerem várias aldeias, então a Assembleia Geral é constituída pelos representantes de brigada, que é a unidade de trabalho mais pequena, salvo erro constituída por 10 trabalhadores.

A comissão de planeamento das cooperativas é constituída pelo presidente, pelos técnicos e pelos cooperantes responsáveis de sectores e brigadas.

Como viu as condições de vida do povo em geral e dos camponeses em particular? O que pensa da sua qualidade de vida? Em que se revela?

Numa exploração agrícola do Estado, com 6 000 hectares e com 10 mil habitantes, dos quais 5 mil eram trabalhadores da herdade, com 9 sectores, tinha uma escola de agricultura que formava quadros médios sem haver a necessidade de abandonar o trabalho, e cada sector possuía uma escola primária a que eles chamavam "escola de oito anos", creche e jardim de infância, maternidade, policlínica, ambulância, cantina popular e centro cultural com cinema.

Numa outra, apenas com 1 900 hectares, na qual viviam 1 000 pessoas, das quais 520 trabalhadores agrícolas, e especializada na produção de citrinos, azeitona e produtos hortícolas, existia uma escola agrícola com 150 alunos, escola de 8 anos, creche e jardim de infância, ambulância, cantina e centro cultural.

(continua pág. 14)

As águias permanecem livres

Cansado do esforço titânico de criar o mundo em sete dias, não sabendo o que fazer das rochas e terra que sobravam, sem disposição para lhes procurar lugar, atirou com tudo numa penada. Diz a lenda que foi assim que Deus criou a Albânia. "Shqipëria", o país das águias, bichos da montanha, ciosos do seu território. Bichos altaneiros para quem a liberdade é a vida e o cativeiro a morte.

Eis os Albaneses. Os "shqiptares", as águias. Gente que ao longo de milénios de história nunca baixou a cabeça nem vergou os joelhos. Gente de antes quebrar que torcer.

por Ana Amaral



Dizem os albaneses que nunca o inimigo lhes viu as costas. É facto que nem todos foram combatentes da liberdade. Também houve (há sempre) aqueles que colaboraram e se venderam "por trinta dinheiros". Para manterem privilégios. Por desejo de "subir na vida" mesmo à custa da traição. Por oportunismo. Por cobardia. Mas desses, porque escassos e historicamente mal sucedidos, não reza a história. O povo, que faz a História, esse, nunca depôs as armas, nunca abdicou da sua liberdade e independência.

E desde os tempos mais remotos, ainda a Albânia não era nação, foram tantos os que a quiseram conquistar. Gregos, romanos, bárbaros, quiseram subjugar os ilírios, antepassados dos albaneses. Mais tarde, já na Idade Média, os turcos. E no nosso século, ainda italianos e alemães às ordens de Mussolini e Hitler.

Foram séculos de invasões. Tantas que quase se pode dizer que a História

da Albânia é a história de sucessivas invasões. Mas é também a história da resistência tenaz e inquebrantável ao invasor. Dessa resistência do povo às invasões turca e alemã iremos falar, pela influência que tiveram nos destinos da Albânia. E também porque marcaram os pontos mais altos duma luta de libertação que durou séculos.

"UM PUNHADO DE BRAVOS"

Em 1354 a Albânia era parte do império bizantino. A decadência desse império foi aproveitada pelos turcos que se lançaram à conquista do ocidente. A Europa feudal foi incapaz de opor qualquer resistência. Dividida, em estado de guerra permanente entre feudais, caiu como um fruto podre. A Albânia não constituiu excepção. Os turcos pareciam ter o caminho livre. Nada mais enganador. Breve estalaram revoltas. Os camponeses foram os primeiros: já es-

cravizados pela servidão feudal, agravada a sua situação com o domínio turco, nada tinham a perder. As revoltas, porque localizadas e mal armadas, não constituíram um sério obstáculo ao avanço turco. Mas também os nobres feudais acordaram quando viram os seus domínios divididos e as melhores terras nas mãos dos turcos. Aliadas, pela força das circunstâncias, duas classes opostas, nem mesmo assim vingaram as revoltas locais. Faltava uma figura que unisse os muitos principados feudais e desencadeasse uma guerra nacional contra o invasor. Essa figura viria a surgir na pessoa do príncipe Gjergj Kastriot, chamado Scanderbeg.

Scanderbeg, hábil guerrilheiro medieval, conseguiu unir os nobres feudais. Criou um exército regular. Formou milícias camponesas. Para combater um inimigo muito superior em número e armamento utilizou uma tática de guerrilha. Refugiados nas montanhas, onde os turcos não se atreviam a penetrar, os seus homens atacavam de surpresa, em vários lados ao mesmo tempo, em ataques-relâmpago que semeavam o pavor e a morte nas fileiras turcas. As milícias camponesas armavam emboscadas nas aldeias e caminhos, atacavam as caravanas de abastecimento do exército turco. Para este avolumavam-se as derrotas. E também o espanto perante a coragem daquele punhado de bravos que em situação de grande inferioridade se batiam como leões.

Durante anos Scanderbeg foi o terror dos turcos e a admiração da Europa. Sob o seu comando, o exército albanês libertou grande parte do território e criou um Estado independente. Mas Scanderbeg não esqueceu os verdadeiros obreiros desse feito memorável. Na libertada Kruja, sobre cujo castelo flutuava a sua bandeira, a águia negra bicéfala sobre fundo vermelho (ainda hoje bandeira nacional albanesa), prestou homenagem ao povo, verdadeira alma da resistência e da vitória: "*A liberdade não fui eu que a trouxe, encontrei-a no meio de vós... as armas, não fui eu que as distribuí, encontrei-vos já armados*".

A morte de Scanderbeg foi um rude golpe na resistência albanesa. Mas a luta prosseguiu. Acabou com a derrota dos

albaneses a grande guerra albanoturca que durou 60 anos. Mas os 150 de domínio turco foram palco de insurreições inumeráveis que nunca permitiram aos ocupantes gozar os louros da vitória.

"POVO DE AÇO TEMPERADO EM BATALHAS DE SÉCULOS"

Em 1943 os nazis entravam na Albânia. Encontraram pela frente um povo armado em vésperas de expulsar definitivamente os italianos. Perante um novo invasor as fileiras cerraram-se ainda mais fortemente em torno do Partido Comunista, organizador e dirigente da guerra de libertação. A luta intensificou-se. Os guerrilheiros, aquartelados nas montanhas inacessíveis, enfrentavam corajosamente um inimigo infinitamente superior. Eram homens e mulheres de diferentes profissões e credos. Mas irmanados na luta contra um invasor mais que todos odiado.

Mas nem só a guerrilha combatia. Toda a população o fazia, com armas ou sem elas. Permanentemente assediados e massacrados pelos nazis, os camponeses, herdeiros das tradições gloriosas dos seus antepassados guerrilheiros de Scanderbeg, não deixaram os seus créditos em mãos alheias. Eles, que já não tinham nada, despojaram-se das poucas roupas que possuíam, tiraram da boca o pouco pão que comiam para vestirem e alimentarem os que combatiam nas montanhas. Todos os guerrilheiros eram seus filhos. Ludibriando a vigilância nazi, vestiram, calçaram, levaram mantimentos e armas ao exército de libertação, arriscando a vida em cada passo que davam. Mas não vacilaram. Assim como não vacilou todo o povo em enfrentar a fera nazi que assolava a Europa.

A sua bravura e sacrifício coroaram uma vitória brilhante. Em Novembro de 1944 a Albânia conquistava a completa libertação. Sem qualquer ajuda. Monetária, humana, em armas que fosse. Contando apenas com as próprias forças. O preço a pagar foi muito elevado. Vinte e oito mil mortos. Um morto por quilómetro quadrado. Mas a guerra vitoriosa mudou completamente os destinos de um povo que nunca se deixou desarmar nem subjugar. Povo de aço, temperado em batalhas de séculos, traçou com a mesma firmeza de sempre o seu futuro. Livre e conscientemente escolheu o socialismo. Abria-se para ele uma nova era de paz, de desenvolvimento e de progresso social. Mas também de trabalho duro para consolidar a vitória alcançada e seguir em frente rumo a novas conquistas.

"DOIS MILHÕES QUE VALEM POR DUZENTOS MILHÕES"

Todos aqueles que tiveram a ousadia de invadir a Albânia não tardaram a

(cont. pág. 14)

Crónica

Uma data histórica

Poucos países do mundo se poderão orgulhar de terem conseguido o que acabamos de presenciar nesta Albânia entusiasta e transbordante de alegria: 3 importantes e gigantescas obras acabam de ser inauguradas.

Em apenas 3 dias, em 3 pontos distintos do território, fruto da capacidade dos trabalhadores albaneses, do dinamismo da sua economia. Que melhor prova se poderia esperar de que a Albânia prossegue a via de Novembro de 1944, apesar da URSS e da China?

A central hidro-eléctrica "A luz do Partido" construída na região de Fierze, a entrada em funcionamento de mais 5 sectores do complexo siderúrgico "O aço do Partido" de Elbasan e a saída do primeiro tractor albanês do complexo de veículos "Enver Hoxha" de Tirana, "jogarão um importante papel no desenvolvimento impetuoso da economia popular" como salientou em Tirana, Hysni Kapo, um dos mais destacados dirigentes albaneses.

O entusiasmo popular que se vive nestes dias, de Shkodra a Saranda, teve os seus pontos altos, como é óbvio, nas cerimónias oficiais (diríamos antes populares) realizadas nos centros agora inaugurados e em que participaram milhares de pessoas. A TV, rádio e jornais deram um enorme e justo destaque ao acontecimento.

A central de Fierza, situada no grande vale do rio Drin oferece um espectáculo grandioso a quem a visita. 400 000 kw de potência dão bem a ideia da Albânia do futuro. Na área das turbinas, onde será gerada a energia do futuro, Adil Çarçani, primeiro vice-presidente do Conselho de ministros falou a uma multidão entusiástica que não cessava de aclamar o PTA e Enver Hoxha. "Só com o betão e betão-armado aqui utilizado poderíamos construir uma cidade inteira ou 7 refinarias de petróleo como a de Ballsh. A barragem desta central hidro-eléctrica é uma das mais altas do mundo, enquanto que todo o complexo das suas obras hidrotécnicas é uma das mais complicadas do ponto de vista técnico" — disse Adil Çarçani.

O complexo siderúrgico que se situa no vale de Elbasan viu postas a funcionar a secção de aglomeração da fundição, a secção de laminagem média, a secção do ferro circular, a fábrica de oxigénio e a fábrica mecânica, dando por concluída a sua primeira fase. A grande praça defronte da entrada principal do complexo estava ocupada por orquestras populares. O baque pesado e metálico da metalurgia fora substituído pelo som melodioso de um povo em festa, como nos referia satisfeito um amigo. Milhares e milhares de operários, mais, muito mais, dos que existiam em toda a Albânia antes da libertação. E ao vê-los ali, como um só, aclamando o Partido e os seus slogans queridos num albanês ritmado, veio-me à memória um

frase ouvida em tempos de um "partisan": "construímos tudo, até mesmo a classe operária". Foi como disse Hekuran Isai, secretário do CC do PTA: "O aço do Partido tem um profundo significado e representa uma grande realidade histórica".

Foi em Tirana, plana capital deste montanhoso e acolhedor país, que vimos sair o primeiro tractor de fabricação albanesa. Estávamos mais concretamente no complexo de veículos automóveis e de tractores "Enver Hoxha". Nome baptizado com grande simbolismo, já que "Enver", como lhe chamam os albaneses faria no dia seguinte 70 belos anos. Era uma homenagem plena de profundo reconhecimento.

Milhares de trabalhadores e de habitantes de Tirana, cantando e dançando, encontravam-se reunidos no largo. Seria Mehmet Shehu, o primeiro ministro resistente da guerra de Espanha e heróico comandante da libertação de Tirana, que presidiria ao comício então organizado.

As três obras que acabam de ser inauguradas são, já o disse, de grande significado e importância para a economia albanesa. Mas tais obras, não seriam possíveis se o povo albanês se tivesse vergado aos projectos das grandes potências. Estaria hoje, talvez, manchada no seu orgulho de nação independente. Foi expressando esta ideia que Hekuran Isai disse em Elbasan:

"Seguindo com determinação a linha de industrialização socialista, desenvolvendo a indústria de extracção e de tratamento das matérias-primas e combustíveis, em que o nosso país é rico, o partido tinha recomendado desde o início para se caminhar para a indústria ferrosa, para a produção de aço albanês. Foi então que os revisionistas krutchovianos e o seus lacaios que se faziam passar por nossos amigos, retomaram a conhecida fábula "para que vos serve a metalurgia". Todo o mundo sabe o que pretendiam os krutchovistas e a resposta que o partido e o povo albanês lhes deram. É o que aconteceu também com os revisionistas chineses. Tal como os seus predecessores, tentaram converter-nos de que a nossa economia não era suficientemente poderosa para construir obras grandiosas como este Complexo que nós erguemos para enfiar

(cont. pág. 14)

A libertação de Tirana



A batalha para a libertação de Tirana em Novembro de 1944 constitui uma das páginas mais gloriosas da Luta de Libertação Nacional. O CC do PCA e o Comando Supremo do Exército dirigidos por Enver Hoxha deram à 1ª Brigada de Choque a ordem de se concentrar em redor da cidade e a ela ir-se-iam juntar posteriormente outras unidades. Foi então criado um Estado Maior operacional dirigido por Mehmet Shehu que comandou o ataque iniciado a 29 de Outubro de 1944.

Os guerrilheiros forçaram a defesa nazi e penetraram na cidade. Durante 19 dias lutou-se de casa em casa, disputando-se todos os palmos de terreno. As forças fascistas contavam com 2000 soldados alemães a que se tinham juntado cerca de 300 colaboracionistas. No momento em que as forças patrióticas tinham já posto em causa o domínio nazi, mais 6000 soldados hitlerianos (que se tinham juntado na zona de Elbasan) marchavam sobre Tirana.

O Comandante do Estado Maior Operacional, Mehmet Shehu, escreveria um ano depois sobre este importante episódio da luta de libertação:

“As formações alemãs separaram-se em duas colunas. Uma, contando com mais de 2000 homens e que possui 5 tanques, 27 canhões, e outro armamento, pôe-se em marcha, no dia 12 de Novembro, em direcção a Tirana; a outra, que conta com cerca de 6000 homens, dirige-se para Durres, por Peqim.

Que é preciso fazer nestas circunstâncias? O mínimo erro táctico pode ter como consequência a perda de milhares de guerrilheiros, o massacre da população, o incêndio e a destruição da cidade por esses bárbaros.

Até ao meio-dia e meia do dia 13, quando nos chegou a notícia dos combates que se desenrolavam no vale de Krraba, a nossa táctica era guiada pela palavra de ordem ‘Tirana deve ser libertada custe o que custar’. Ou seja, o Estado Maior devia pôr em

operação todas as reservas e utilizar todos os meios de que dispunha.

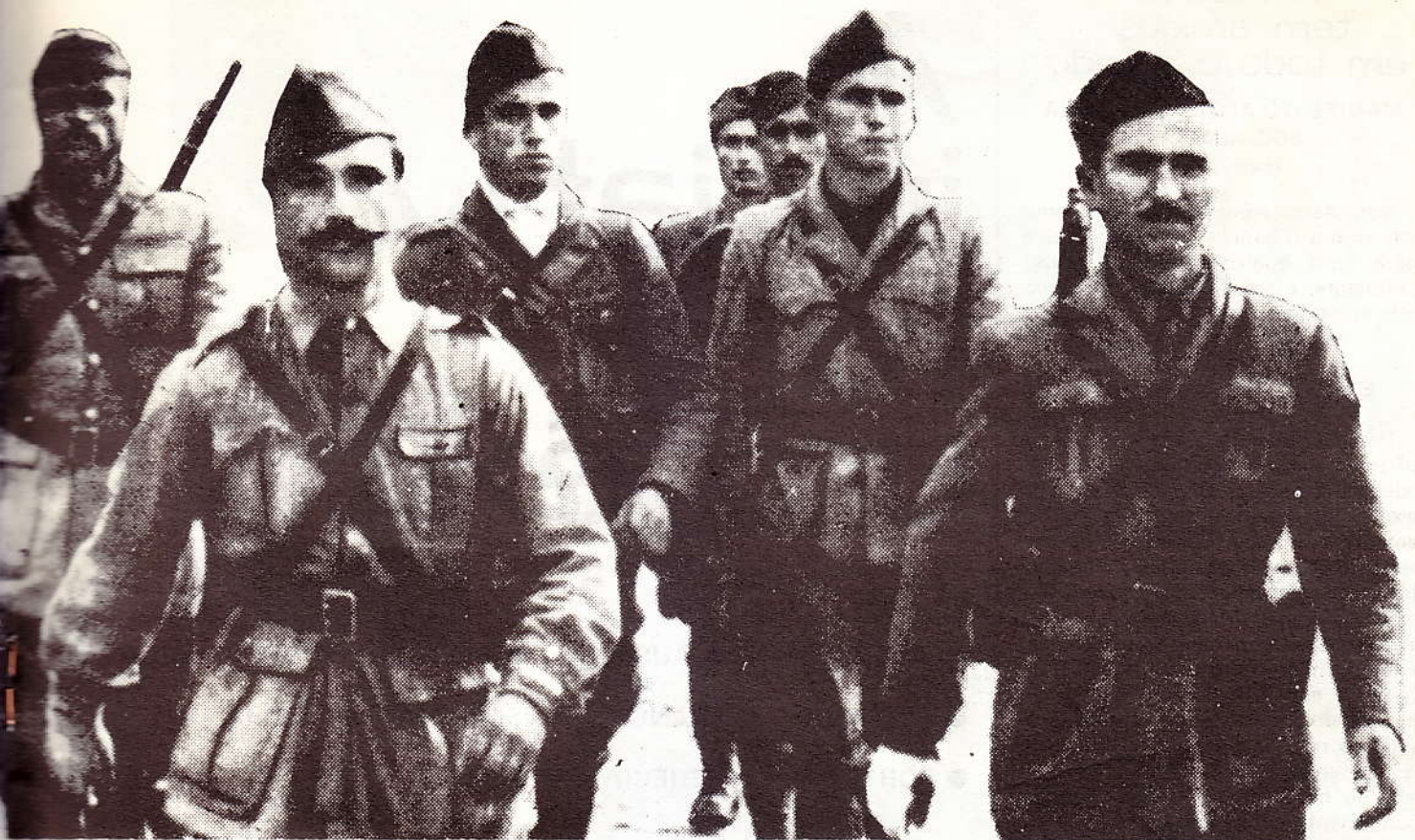
O aparecimento de novos elementos no teatro das operações deve levar a uma adaptação da nossa táctica. Temos que passar da palavra de ordem ‘Tirana deve ser libertada a todo o preço’ para a palavra de ordem ‘Aguentar Tirana a todo o preço’ e ‘A coluna que vem de Elbasan deve ser destruída custe o que custar’.

No dia 14, pelas 16 horas e 30 minutos, a coluna inimiga encontrou as nossas forças. Os combates prosseguiram durante toda a noite e, pela manhã do dia 15, os alemães estão cercados, à excepção de um pequeno grupo, de cerca de 300 homens que, ajudados por tanques, conseguiram quebrar o cerco durante a noite. Vendo a sua perda inevitável os alemães lançaram-se em fu-

riosos contra-ataques pondo em acção a sua artilharia, os carros e todos os meios de combate. Ataques e contra-ataques sangrentos sucedem-se durante todo o dia. Centenas de alemães são mortos. Às 17 horas a coluna está praticamente destruída. O inimigo deixa no terreno mais de 1500 mortos, 150 feridos e 150 prisioneiros, bem como todo o seu material, em particular dois tanques, 18 canhões, centenas de cavalos e de carros. Do nosso lado encontram a morte 12 guerrilheiros, e 30 são feridos.

Tendo sido destruída em Krraba a coluna inimiga, as nossas forças existentes na capital são suficientes para derrotar o inimigo.

Enquanto as formações da 1ª Brigada prosseguem furiosamente os combates para a libertação de Tirana, a 4ª



Brigada opera em Tirana Nova e na zona dos edifícios dos funcionários onde o inimigo fustiga ininterruptamente as nossas posições a tiros de canhão, morteiro ou com os seus blindados.

No dia 15 de Novembro as unidades da 4ª Brigada incendiaram alguns camiões inimigos enquanto as forças da 8ª Brigada que ocupam alguns edifícios da Avenida Mussolini efectuem a sua junção com os combatentes da 1ª Brigada.

As forças da 1ª Brigada atingem o Palácio Novo. Os combates são tão duros que o inimigo deixa no terreno 25 mortos, enquanto que nas nossas fileiras, o chefe de secção Hassan Kasemi e vários guerrilheiros são feridos. No decurso deste violento combate tomba no campo de honra o corajoso chefe de Esquadrão Haxhi Hate.

A 16 de Novembro, as nossas forças lançam-se ao assalto geral; desde a manhã que os efectivos da 1ª Brigada atingem a Casa dos Oficiais, o Relógio da Cidade e o antigo Palácio de Zogu.

O inimigo resiste tenazmente todo o dia e, na noite de 17 de Novembro, pouco antes do alvorecer, aproveitando a escuridão e o facto das nossas forças estarem profundamente colocadas no interior do seu dispositivo e portanto impossibilitadas de receberem qualquer reforço do exterior de Tirana, conseguem abrir um caminho de fuga através de Tirana Nova, para a retaguarda das forças das 4ª e 8ª Brigadas. (Mas são

praticamente dizimados antes de atingirem Vlora — NR)

Na manhã do dia 17 de Novembro, depois de 19 dias de épicos combates, que custaram ao inimigo pesadas perdas, Tirana, capital da Albânia, é libertada. Um grupo de alemães resistirá ain-

da na Prisão Nova mas, às cinco horas da tarde, serão, eles também, completamente aniquilados.

Assim foi TIRANA libertada...

Nota: Neste artigo mantiveram-se os nomes que as ruas de Tirana tinham na altura em que esta foi libertada.

ORDEM DO DIA AO POVO DE TIRANA NA OCASIÃO DE LIBERTAÇÃO DA CAPITAL

18 de Novembro de 1944

MORTE AO FASCISMO — LIBERDADE PARA O POVO!

Tirana foi libertada pelas heróicas brigadas do Exército de Libertação Nacional, ajudadas pelo povo de Tirana. Nos sangrentos combates de rua, de casa para casa, contra um inimigo cruel e resoluto, armado dos meios mais modernos, triunfou a vontade de ferro do nosso povo e do exército! O sangue dos filhos do nosso povo, que tombaram nesta batalha para a libertação da nossa capital, escreveu uma das mais brilhantes páginas da nossa história vitoriosa.

A nossa luta que se desenvolveu indomável, foi coroada pela libertação de Tirana. E sê-lo-á também pela libertação de toda a Albânia.

**VIVA A ALBÂNIA LIVRE E DEMOCRÁTICA
VIVA O HERÓICO POVO ALBANÊS!
VIVA O HERÓICO POVO DA CAPITAL DA ALBÂNIA NOVA E
DEMOCRÁTICA!**

**O PRIMEIRO MINISTRO
COMANDANTE EM CHEFE DO ELN
CORONEL-GENERAL ENVER HOXHA**

A Albânia tem amigos em todo o mundo

(MANIFESTO APOIO A ALBÂNIA
SOCIALISTA)
(extractos)

Nós, Associações europeias de amizade com a Albânia, apelamos — aqui e agora — dos quatro cantos do nosso Continente, a todos os povos, para um vasto apoio internacional à RPSA.

A ALBÂNIA É NOVAMENTE ATACADA

Uma vez mais a Albânia acaba de sofrer uma odiosa agressão contra a sua independência e contra a sua marcha resoluta para o socialismo... Já imediatamente após a sua vitória sobre os ocupantes fascistas e nazis, os anglo-americanos haviam ameaçado a jovem República Popular. Mais tarde, a Jugoslávia de Tito romperia os laços com ela, tentando mesmo anexá-la. A URSS de Kruchev, em 1961, exerce contra ela represálias rompendo unilateralmente a ajuda económica e todos os acordos, na vã esperança de pôr de joelhos o seu valoroso povo, tentando isolá-lo diplomaticamente.

E é agora a vez da China! (...)

AS RAZÕES DO NOSSO APOIO À RPSA

É a Albânia que, pelas suas próprias tradições históricas de resistência e luta — tradições retomadas e ampliadas a partir de Novembro de 1944 na nova fase de edificação contínua do socialismo, prosseguida sem descanso nem compromissos nos princípios — é a própria Albânia que nos inspira os meios e o sentido da nossa resposta.

Esta Albânia que sabe construir, graças à sábia direcção do PTA com Enver Hoxha à frente, uma unidade total e sem falhas do povo com o seu partido;

Esta Albânia, das realizações industriais e agrícolas prodigiosas (...);

Esta Albânia, com uma vida democrática real, tão altamente desenvolvida em todos os domínios (...);

Sim! É bem esta Albânia Socialista que, pelo seu exemplo e existência, justifica a nossa afeição e solidariedade. (...)

Sim! O nosso apoio será à medida da considerável ajuda que ela nos traz para o nosso futuro: ela é a prova viva e sempre renovada de que nada no mundo é inalterável e sem esperança, que nada pode impedir a criação de uma outra sociedade, de uma outra vida, de um homem novo. (...)

AS NOSSAS PERSPECTIVAS

Todas as nossas acções, todos os esforços serão dirigidos para um só objectivo: comprometer-nos em suscitar, em torno da RPSA, uma vasta corrente de amizade e de solidariedade activa e permanente. (...)

ALBÂNIA 10

A iniciativa foi um êxito

● ALEMANHA ● ÁUSTRIA ● BÉLGICA ● DINAMARCA
● ESPANHA ● FRANÇA ● ISLÂNDIA ● ITÁLIA
● PORTUGAL ● SUÉCIA ● SUÍÇA

Durante o passado mês de Outubro, realizou-se em vários países europeus, uma iniciativa europeia de solidariedade com a Albânia, organizada pelas associações de amizade com este país socialista. Foi, aliás, a primeira vez que associações de amizade se uniram numa iniciativa conjunta. O sucesso que constituíu ficou bem expresso na participação massiva de europeus nos comícios que foram organizados.

O PORQUÊ DA INICIATIVA

Os dirigentes da RP China, ao cortarem todo o auxílio económico e militar à Albânia, pretenderam fazer chantagem, obrigar o povo albanês a cessar as críticas que vinha fazendo à política chinesa. Tal atitude (contrária até aos princípios de relações normais entre Estados) gerou um imediato sentimento de indignação entre vastos sectores democráticos de todo o mundo.

Parte integrante dessa onda de protesto pela atitude chinesa e de solidariedade com a Albânia, a Iniciativa Europeia, organizada e apoiada por associações de amizade de 11 países europeus, expressou, à medida da realidade de cada país e do sentir particular de cada povo, o sentimento comum

de respeito pela atitude ousada e de princípios dos albaneses.

Em todos os comícios realizados, em todas as latitudes europeias, esse sentimento comum ficou bem expresso pela aprovação unânime do manifesto que reproduzimos noutra local desta revista.

"UM APOIO CALOROSO E PROFUNDO"

De entre os vários comícios, gosteria de salientar o de Paris, onde tive ocasião de participar.

A tradicional amizade e hospitalidade da Associação das Amizades Franco-Albanesas ficou mais uma vez demonstrada pelas atenções de que foi alvo a delegação da AAPA.

O comício, que decorreu numa sala cheia e plena de entusiasmo, foi presidido pelo Dr. Abraham Béhar, secretário-geral da Associação francesa, bem conhecido dos portugueses amigos da Albânia.

Na mesa participaram ainda o prof. Yves Letourneur, a prof. Patricia Wang, um sindicalista francês que recentemente visitou a Albânia e representantes das associações italiana, alemã e portuguesa, bem como um representante da comissão pró-fundação da Associação de Amizade Espanha-Albânia.



A atestar bem o carácter de solidariedade internacional, seriam lidas saudações enviadas pela associação dinamarquesa, belga, suíça (Genève) e do Comité de Chicago para a fundação da Associação de Amizade EUA-Albânia. Seriam referenciadas moções de amigos turcos e de outros países.

Para além das moções das associações pressentes, foi lida por Patrícia Wang uma saudação enviada por Suzanne Marty (de grande significado para a associação francesa), Yves Letourneur falou a propósito do último romance de Ismael Kadaré editado em França e o sindicalista francês falou das suas impressões sobre a vida albanesa, destacando a importância dos princípios consagrados na Constituição. A intervenção final coube a Abraham Behár, que expôs as posições de princípio dos albaneses traduzidas na carta do PTA e do governo albanês, assim como denunciou os ridículos argumentos com que os chineses tentam esconder as razões de fundo que os levaram ao corte.

Saldou-se, portanto, num significativo êxito a participação francesa na Iniciativa Europeia.

Igual sucesso constituíram as sessões de Oslo, Copenhague, Francfort e Viena, já realizadas até ao momento.

Luis Borges



em Lisboa

Em Lisboa, perante uma assistência que enchia a sala da Voz do Operário, realizou-se no passado dia 14 do Outubro, o comício que marcava a participação portuguesa na Iniciativa Europeia.

Presidia o Dr. Mariano Roque Laia, a mesa era constituída por mais 14 amigos, ligados por múltiplos laços à RPSA: Luis Borges (secretário-geral da AAPA), Eng. Mendes Espada, Arq. Alberto Oliveira, Henrique Alves Costa, Eduardo Veloso, o jornalista José Flecha, o cantor Tino Flores, Ester Mucznik (do Secretariado da UMAR), Fernando Silva (trabalhador da CP), Dr. Correia Tavares do núcleo de Almada da AAPA, Maria José Vital (trabalhadora da TAP), Maria Custódia (assalariada rural), António Bento e o Dr. José Augusto Rocha, ligado à fundação da AAPA.

Para além de Luis Borges, que situou o comício na Iniciativa, falaram ainda Eduardo Veloso (sobre

a carta do PTA e sobre as verdadeiras razões que levaram ao corte da China), Fernando Silva (que traçou de forma viva e interessante a sua recente visita à Albânia), José Flecha (que falou da situação actual exprimindo a sua certeza quanto ao futuro desenvolvimento da sociedade albanesa) e Mariano Roque Laia que, num curto improviso, apelou ao apoio participativo de todos os amigos da Albânia. A segunda parte do comício foi constituída pelas respostas dos outros elementos da mesa a numerosas perguntas que lhes foram sendo postas.

Foram recebidas mensagens das associações francesa e alemã, bem como do Comité de Chicago para a formação da Associação de Amizade EUA - Albânia. Foi igualmente recebida uma saudação de um grupo de amigos de Silves que, impossibilitados de estarem presentes, não quiseram deixar de expressar publicamente a sua solidariedade para com a Albânia.

«O corte chinês tem um carácter profundamente político e ideológico»

— declarou Nesti Nase
ministro dos negócios estrangeiros
albanês nas Nações Unidas

O corte do auxílio económico, decidido pelo governo chinês, não alcançou os seus objectivos. Este facto é-nos transmitido quer pelos últimos acontecimentos na Albânia, onde sabemos que os trabalhadores se unem ainda mais num esforço para ultrapassar as dificuldades económicas criadas, quer através dos dirigentes albaneses que em sucessivas declarações reafirmam as suas posições de princípio.

Na 33ª sessão da Assembleia Geral das Nações Unidas, o ministro albanês Nesti Nase após fazer uma apreciação circunstanciada sobre a situação política a nível mundial, referiu-se em particular à situação criada pelo corte do apoio chinês afirmando nomeadamente:

“Como se sabe, a 7 de Julho último, o governo da República Popular da China praticou um acto abertamente hostil em relação à Albânia socialista e ao povo albanês, cortando as ajudas e os créditos que se tinha comprometido a fornecer nos termos dos acordos bilaterais. Foi um acto arbitrário e perverso da parte chinesa, uma violação flagrante das obrigações que tinha assumido em virtude dos acordos oficiais, uma violação das normas mais elementares das relações entre Estados soberanos e das leis que regulam as relações internacionais.

Não têm as causas reais da anulação dos acordos um carácter puramente técnico, como pretende o governo chinês, mas um carácter profundamente político e ideológico. Se o governo chinês decidiu violar os acordos concluídos e estender as divergências ideológicas ao domínio das relações entre Estados foi pela simples razão da Albânia socialista nunca ter aceiteado pactuar com a política chauvinista e de grande potência da direcção chinesa.

O povo albanês sempre aceitou a amizade sincera. A sua história ensi-

nou-o a ser vigilante, a distinguir os amigos dos inimigos, a não se deixar enganar com os sorrisos hipócritas dos que se fingem amigos mas que, pelas suas acções, mostram estar animados de intenções maldosas a seu respeito. Nunca a Albânia pediu ou pedirá esmola a alguém. Ela não está nem só, nem isolada como desejariam os seus inimigos ou como tentam fazer crê-lo.

O pretenso isolamento é uma noção divulgada pela propaganda das potências imperialistas e chauvinistas que vêem a situação dos outros Estados pela sua óptica e que proclamam ‘isolado’ quem quer que recuse submeter-se-lhe.

A República Popular Socialista da Albânia declarou já que as potências imperialistas escusam de excitar o seu apetite ou ter ilusões e pensar que a Albânia, sob a pressão das circunstâncias internacionais, pode alterar a sua via e decidir apoiar-se nesta ou naquela superpotência. Quem quer que pense que se criou na Albânia um pretenso vazio e sonha preenchê-lo, engana-se redondamente e caminha para a derrota. No nosso país não existiu nem nunca existirá qualquer vazio a ser preenchido

pelos imperialistas ou social-imperialistas.

Na sua pátria livre e completamente independente o povo albanês, sob a direcção do Partido do Trabalho, dirigido pelo camarada Enver Hoxha, trabalha abnegadamente para a edificação integral da sociedade socialista e para a defesa da liberdade e da independência do país. A Albânia conhece um desenvolvimento ininterrupto em todos os domínios, é o país do progresso, da justiça social e do trabalho para todos.

O povo albanês continuará a avançar com determinação na via do socialismo apoiando-se nas suas próprias forças.

Para nós o apoiar-se nas próprias forças não significa que sejamos pelo isolamento e que nos fechemos sobre nós próprios. Pelo contrário, nós fomos e continuamos a ser pelo desenvolvimento da cooperação internacional, das relações comerciais e culturais, e das relações noutros domínios, com diversos Estados na base dos princípios conhecidos que regem as relações entre Estados soberanos.

Nós não baseamos a defesa do nosso país nas conjunturas políticas nem nas diversas alianças militares agressivas mas sim na força do povo que está preparado para defender como um só homem, e com determinação, as conquistas realizadas e a pátria socialista.

No futuro, também, o povo albanês e a RPSA reforçarão a solidariedade com os povos amantes da liberdade e os países democráticos e progressistas, apoiarão a luta dos povos pela libertação nacional contra o imperialismo novo e antigo e contra a reacção”.

Esta declaração de Nesti Nase não deixa margem para dúvidas em relação à disposição dos dirigentes albaneses. Também ela é a “melhor resposta” à decisão reaccionária dos dirigentes chineses.

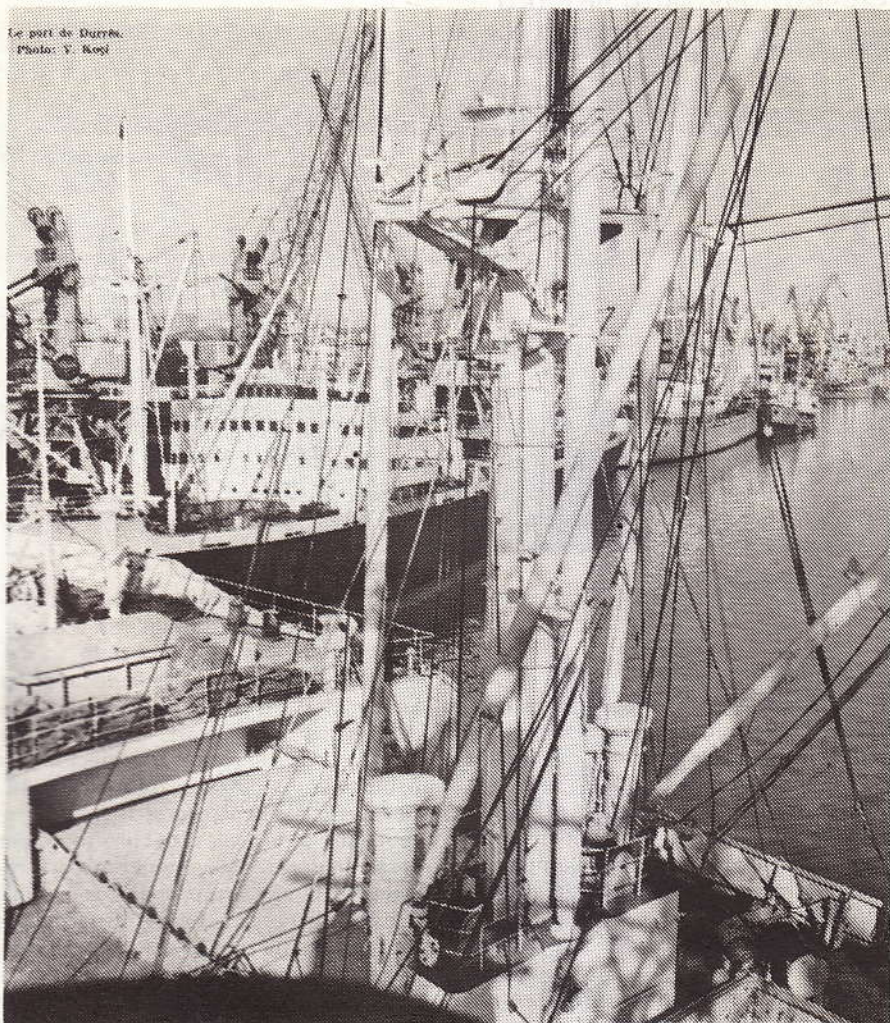
CARTA DO PARTIDO E DO GOVERNO DA ALBÂNIA

AO PARTIDO E AO GOVERNO
DA CHINA

Edições “Bandeira Vermelha”

Pedidos para:
AAPA – Apart. 2435 Lisboa

Le port de Durrës.
Photo: V. Kosi



Da Albânia para todo o mundo

por Luís Borges

Talvez poucos leitores saibam que a Albânia, considerada há 30 anos a Nação mais atrasada da Europa, é hoje um país que exporta variadíssimas mercadorias para países de todas as latitudes.

Para se ter uma ideia do crescimento do volume das exportações, basta referir que hoje, em 15 dias, a Albânia exporta tanto quanto o fez no ano de 1938. Apesar deste espantoso desenvolvimento, prevê-se um crescimento das exportações na ordem dos 23 a 26 por cento (em relação ao período

1970/75), contribuindo decisivamente para que os ritmos médios de crescimento das exportações sejam superiores aos das importações.

O QUE SE EXPORTA E PARA ONDE

Devido ao rico subsolo albanês, é natural que sejam os produtos extractivos a ocupar um lugar de destaque nas exportações albanesas: cobre, crómio, ferro-níquel, sub-produtos petrolíferos, etc.

Mas o que é interessante notar é que na maior parte dos casos a Albânia não os exporta em bruto. Aliás, tal característica é comum às outras exportações: em 1980, 65 por cento dos produtos exportados serão manufacturados (contra cerca de 46 por cento em 1960 e 62 por cento nos nossos dias).

Não se limitam apenas a estes produtos as exportações albanesas: fios e

cabos eléctricos, electricidade, artigos de indústria química e electrónica, do vidro e da cerâmica, materiais de construção, têxteis e vestuário, madeiras, mármore, tabacos, plásticos, legumes, frutas, conservas, artesanato, etc., fazem igualmente parte da vasta variedade das exportações albanesas.

São três firmas (Agroexport, Mineralimpeks e Albimpeks) que se encarregam do escoamento através do porto de Durrës, do aeroporto de Rinas ou das fronteiras Norte e Oriental, dos produtos albaneses para mais de 40 Estados: países vizinhos, países nórdicos, africanos, da Ásia e da América Latina.

Nas relações com estes Estados, a Albânia aplica os princípios da igualdade, vantagem recíproca e não intervenção interna. Os produtos albaneses são, graças a esta atitude correcta e franca e à sua boa qualidade, bem considerados no mercado internacional, como tem ficado demonstrado pelo interesse suscitado em torno dos stands albaneses das várias feiras internacionais.

EXPORTAR À CUSTA DE QUEM?

A generalidade dos países prefere dirigir determinados produtos para exportação em vez de os orientar para o consumo interno, na mira do lucro fácil e da entrada de divisas.

Tal não acontece na Albânia. Desde a libertação, seguiu-se sempre o princípio de satisfazer, em primeiro lugar, as necessidades internas. Na Albânia, o bem-estar da população e o pleno desenvolvimento da economia são as preocupações máximas dos órgãos dirigentes. Lado a lado com o crescimento das exportações podemos constatar um aumento do fornecimento ao mercado interno: só em 1977 e em relação ao ano anterior, os produtos alimentares tinham aumentado num volume de 2 a 23 por cento, o vestuário em 10 por cento, os móveis e utensílios domésticos em 13 por cento. Como se pode concluir, as exportações limitam-se a acompanhar o desenvolvimento da sociedade albanesa.

UMA ECONOMIA DE INDEPENDÊNCIA NACIONAL

Uma importante conquista prática da Albânia, devidamente sancionada na Constituição, é a proibição de firmas estrangeiras explorarem as riquezas nacionais: a mão-de-obra albanesa não é explorada pela ganância internacional, o rico subsolo albanês é explorado em exclusivo proveito dos albaneses.

Em toda a sua política os albaneses aplicam o princípio de "contar com as próprias forças". Aplicando este importante princípio, de profundo significado patriótico, criam-se as condições para se produzir um maior número de mercadorias, capazes de satisfazerem as necessidades crescentes da economia e da população e ainda de destinar uma boa parte desses produtos à exportação.

As águias permanecem livres

(cont. da pág. 7)

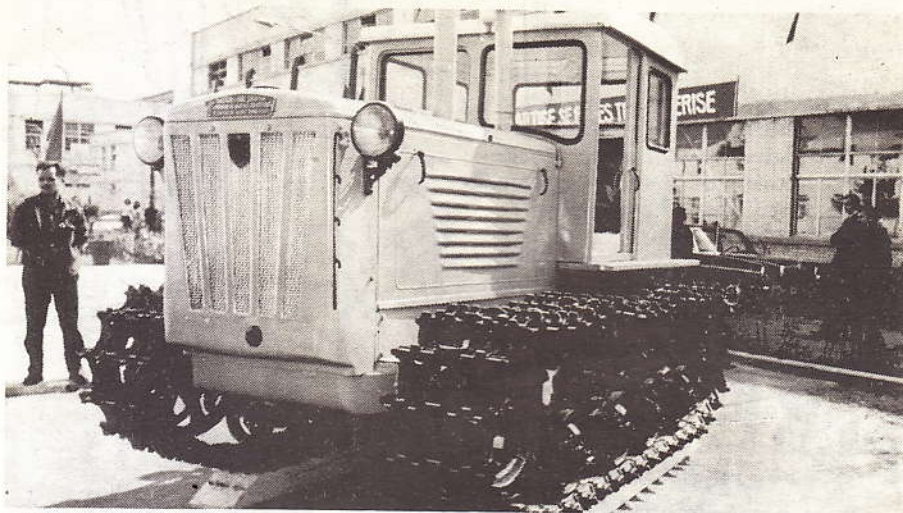
sentir na própria carne que tinham pela frente um osso muito duro de roer. Partiram os dentes ao tentarem abocanhá-lo. E nenhum conseguiu fazer ajoelhar esse pequeno povo de dois milhões que valem por duzentos.

Acautelem-se pois aqueles que do alto da sua jactância e imbecilidade pensam ser fácil dobrar os albaneses ao querer de qualquer imperialismo. Não o conseguiram turcos, italianos e alemães à força das armas. Não o conseguiram russos e chineses à força da fome e da sabotagem. Não duvidamos que ninguém o conseguirá.

"Antes comer erva que viver de joelhos" é o lema dos habitantes do país das águias. Bichos altaneiros, para quem a liberdade é a vida e o cativo a morte.

Na Albânia as águias permanecem livres!

Ana Amaral



1º Tractor Albanês

(cont. da pág. 7)

os inimigos e para o bem da pátria. Vendo a determinação do nosso partido e do camarada Enver Hoxha, os dirigentes chineses viram-se obrigados, em conformidade com os acordos concluídos, a fornecer à RPSA os equipamentos necessários à construção do Complexo. Pouco tempo depois, mobilizaram todas as suas forças para sabotar a construção da obra, seguindo a sua linha revisionista e neocolonialista.

Como se isso não chegasse, durante a

montagem e os preparativos finais de um bom número de fábricas e linhas, tentaram sabotar e fazer tudo ao seu alcance para que a obra não fosse posta em funcionamento, sapando assim a industrialização do país. Chegaram ao ponto de não entregar os projectos e os equipamentos para a fábrica nº 12. Tentavam assim assegurar-se de que receberiam o níquel e o cobalto a um preço irrisório, assegurando-se para receberem o aço bruto a preços insignificantes para nos revenderem depois sob a forma de tubações a preços muito elevados, exactamente como os monopólios fazem com as suas colónias."

entrevista com Engº. Mendes Espada

(cont. da pág. 4)

Pensa que a experiência da agricultura na Albânia interessa ao povo português?

Penso que sim, nem que seja apenas pelo facto de um pequeno povo de um pequeno país construir, em circunstâncias nada fáceis, o seu próprio futuro.

Pensa que a Albânia vive num "socialismo de miséria"?

Não, vive a experiência de como o socialismo cria riqueza e bem-estar e, como em todas as sociedades em evolução, passando por etapas com diferentes níveis de riqueza e de bem-estar.

Apesar dos albaneses considerarem que a revolução não se exporta, o que pensa hoje em dia quando alguém fala da "albanização" em Portugal?

Penso que ou é pura demagogia ou ignorância.

Como vê a aproximação entre o povo português e o povo albanês?

Vejo que é útil, visto que temos alguma coisa a aprender com o exemplo desse povo.

Pensa que a sua viagem suscitou curiosidade nas pessoas a quem falou no assunto? Quais os aspectos que lhe parecem ser mais desconhecidos no âmbito da opinião pública em geral?

Suscitou bastante curiosidade e em regra essas pessoas têm uma ideia muito vaga do que é a Albânia, tal como eu tinha antes de a visitar, e ficam muito admiradas quando lhes falo na autosuficiência

em cereais, na técnica evoluída empregada na agricultura, na produção de petróleo, na sétima posição entre os países do mundo exportadores de crómio e na própria organização da sociedade.

Qual a sua impressão da visita que fez à Albânia? Quer referir-se a algum assunto que não tenha sido focado? A revista está ao seu dispor para o que pretender dizer.

É uma visita que gostaria de repetir, mas em moldes mais de visita de estudo do que turística, para maiores contactos, especialmente nos sectores da agricultura e do planeamento, para aprofundar mais alguns aspectos que nesta visita, cujo objectivo era dar uma larga panorâmica da Albânia, suscitaram maior curiosidade e não foram completamente esclarecidos, tais como a organização do Ministério da Agricultura e a elaboração do Plano.

E para terminar não queria deixar de exprimir a minha convicção de que o povo da Albânia vai ganhar mais uma batalha de sobrevivência, que se tornou mais árdua com o corte da cooperação técnica e económica da República Popular da China, e que para isso muito contribuirá, com outros "milagres", a actividade dos trabalhadores agrícolas.

*

João Mendes Espada é engenheiro agrónomo actualmente quadro superior do Departamento Central de planeamento. Foi secretário de Estado do IV Governo Provisório.

Integrou uma delegação de camponeses e técnicos agrícolas que em 1977 visitou a Albânia.

Eleições para a Assembleia Popular



Enver Hoxha votando na circunscrição 209 de Tirana, por onde seria eleito.

Culminaram a 12 de Novembro, as eleições para deputados à Assembleia Nacional Popular, com votações massivas nos candidatos populares.

O processo eleitoral havia sido iniciado mais de um mês e meio antes. Num discurso proferido por Enver Hoxha perante o Conselho Geral da Frente Democrática, o prestigiado dirigente havia salientado que "estas eleições contribuirão, como sempre, para o alargamento e reforço da nossa democracia socialista, que constitui um dos traços fundamentais do poder e da nossa vida".

A Assembleia Popular albanesa, desempenha um lugar central no sistema dos órgãos do Estado, constituindo o único órgão legislativo.

A Assembleia desempenha o seu papel legislativo em estreita ligação com os trabalhadores. Ela opõe-se, como disse Enver Hoxha na citada reunião, a "debates estéréis", já que "o problema político ou económico em análise, foi já objecto de debates, discussões e sugestões construtivas dos trabalhadores e das suas organizações".

Por outro lado é importante notar que a Assembleia dispõe igualmente de funções executivas, elegendo de entre os seus membros o primeiro-ministro, aprovando o governo e o seu programa. Igualmente os deputados exercem intensas actividades fora da Assembleia,

exercendo um controle directo na aplicação das decisões tomadas.

O PERÍODO ELEITORAL

A primeira fase do período eleitoral é constituída pela escolha dos candidatos. Por todo o país, desde a mais pequena e longínqua aldeia até ao grande centro fabril, passando pelo bairro, quartel e escola, os albaneses realizam reuniões de balanço da actividade dos deputados e da Assembleia, avançam com propostas de nomes e sugestões.

É em assembleia da Frente Democrática por circunscrição eleitoral que são escolhidos os candidatos finais.

Entra-se então na segunda fase: os candidatos, operários e cooperativistas, soldados e intelectuais, dirigentes políticos, todos eles destacados por acções concretas em prol do desenvolvimento do país, realizam sessões e debates nos centros de trabalho.

É em ambiente de festa popular, mas também de grande mobilização, que se realizam as votações finais, por sufrágio directo e universal.

OS RESULTADOS

Em 1 436 289 eleitores houve 1 abstenção e 3 votos nulos, sendo os restantes favoráveis aos candidatos da Frente Democrática.

Outubro: mês da literatura e das artes

O mês de Outubro é comemorado na Albânia como o mês da Literatura e das Artes. Assim, este ano, durante este mês, foram divulgados os ensaios literários e artísticos consagrados ao 8º Congresso da União das Mulheres da Albânia e ao 35º aniversário da fundação do exército popular, a todas as actividades artísticas evocativas do Centenário da Liga de Prizren, tendo surgido obras de grande valor.

A ASSOCIAÇÃO OPERÁRIA "PUNA" FORMOU-SE HÁ 45 ANOS

Foi em 25 de Setembro de 1933, na cidade de Korça, que surgiu a primeira associação operária da Albânia. Formada sob o impulso do grupo comunista de Korça, constituiu a primeira ligação importante dos comunistas à classe operária.

45 anos volvidos, a classe operária dirige toda a vida do país mas este progresso não teria sido possível sem a actividade corajosa dos operários de antes da libertação.

DELEGAÇÃO DA UMA NA ARGÉLIA

Deslocou-se à Argélia uma delegação da União das Mulheres da Albânia, para participar no 4º Congresso da União Nacional das Mulheres Argelinas.

A delegação albanesa participou ainda em actividades culturais, tendo sido calorosamente recebida pelos amigos argelinos.

DELEGAÇÃO COMERCIAL NA ARGÉLIA

Chegou a Argel uma delegação governamental albanesa, dirigida pelo ministro do Comércio externo Nedim Hoxha a fim de aumentar o comércio entre os dois países e participar na 15ª feira internacional desta cidade.

ACORDO COMERCIAL ALBÂNIA - COREIA

Foi assinado, em Tirana, um acordo sobre troca de mercadorias e meios de pagamento entre os dois países.

36º ANIVERSÁRIO DA CONFERÊNCIA DE PEZA

Foi em Peza, a 16 de Setembro de 1942, que se realizou por iniciativa do PCA, a I Conferência de Libertação Nacional. Esta importante reunião, realizada em completa clandestinidade sob protecção dos destacamentos "partizans", lançou os fundamentos da Frente popular, constituindo um importante impulso da luta nacional libertadora.

Para celebrar o acontecimento, a rádio, a TV e os jornais deram-lhe largo destaque. Em Peza realizou-se um comício com a presença de grande número de populares e de vários membros do governo e do CC do PTA.

SESSÃO CIENTÍFICA

De 2 a 4 de Outubro, o Instituto dos Estudos Marxistas-Leninistas organizou em Tirana uma sessão científica consagrada ao tema "Problemas da actual evolução mundial".

Para além de quadros e dirigentes do PTA, participaram nos trabalhos partidos marxistas-leninistas da Europa, Ásia e América.

Foram apresentadas e discutidas cerca de 40 teses e comunicações abordando problemas relativos à "estratégia e tática do proletariado e dos partidos m-l", à "luta contra o revisionismo", ao "desenvolvimento económico mundial e crise geral do sistema imperialista-revisionista", bem como questões relativas à "política externa do PTA e da Albânia socialista".

DIA DO INOVADOR

Comemorou-se no passado dia 11 de Outubro, o dia do inovador. É uma tradição que se vem repetindo ano a ano, traduzindo o apoio e incentivo oficial ao espírito inovador e criador dos trabalhadores albaneses. O dia 11 culminou também uma intensa campanha popular de encorajamento das inovações no sector produtivo. Realizaram-se inúmeras reuniões, conferências e exposições. A atestar a importância deste movimento saliente-se que durante o corrente ano, foram apresentadas mais de 16 000 propostas, das quais 11 000 foram aceites e postas em prática.

DELEGAÇÃO DAS UPA NO GANA

Deslocou-se ao Gana, uma delegação das Uniões Profissionais da Albânia, convidada pela organização da União Sindical Africana para assistir aos trabalhos do 2º Congresso da central sindical daquele país.

Festival Folclórico Nacional

Realizou-se em Gjirokastra, no passado mês de Outubro, um importante festival nacional de folclore. Participaram 1.500 artistas, seleccionados entre cerca de 50.000 que haviam participado nos festivais distritais. Foram apresentadas 40 novas danças e cerca de 120 canções, atestando a variedade e riqueza do folclore albanês.

Este festival, genuína demonstração de apoio e incentivo que as tradições culturais recebem na Albânia, contou com a participação de milhares de pessoas bem como de um largo destaque dado na TV. Como convidados assistiram albanólogos e especialistas de folclore da Áustria, Turquia, Suécia, Itália, Grécia, Jugoslávia e de outros países. De salientar a presença de grupos folclóricos de comunidades de origem albanesa de Itália.



DICIONÁRIO / FJALOR

De acordo com várias sugestões de leitores resolvemos incluir nesta secção a pronúncia (entre parêntesis) das palavras em albanês, para uma melhor familiarização por parte dos nossos leitores com os termos albaneses.

aldeia — fshat (fchat)
campo — fushe (fuche)
praça — shesh (chèsh)
amigo/a — mik, mikeshe (mic, miquéche)
bem-vindo — mirseardhet (mirseardet)

Libertação — Çlirimtare (tchlimirtaré)
Tirana — Tirane (Tiranè)
Novembro — Nendor (Nendor)
livro — liber (liber)
trabalhador — punetor (punétor)

Nesta secção, sem qualquer intenção de ensino da língua albanesa, tentaremos familiarizar os nossos leitores com alguns termos albaneses. Os leitores que estiverem interessados em conhecer algumas palavras, ou mesmo frases, podem escrever para esta secção.

Diálogo com o leitor

A AAPA LANÇOU CAMPANHA PARA 2 500

NOVOS SÓCIOS

Sob o lema "Para mostrar que a Albânia não está isolada", a AAPA lançou uma campanha para a angariação de 2 500 novos sócios.

Esta importante iniciativa tem que ter o apoio dos amigos da Albânia.

Apelamos a todos os novos leitores para se associarem a esta campanha, quer inscrevendo-se como sócios, quer angariando novos associados.

Toda e qualquer informação, assim como os boletins de inscrição, podem ser pedidos para o Apartado 2435 de Lisboa.

Entretanto, chamamos a atenção dos nossos leitores para o postal que incluímos nesta revista, que poderá ser utilizado como boletim de inscrição.

SEDE DA AAPA

A Associação de Amizade Portugal-Albânia, que continua sem dispor de uma sede ao nível das suas necessidades de trabalho, informa de que se passa a dispor de uma sala de trabalho na Rua Alexandre Herculano nº 55. Neste local poderão os sócios e demais pessoas interessadas contactar a AAPA, no seguinte horário:

Quartas das 21.30 às 23.30

Segunda das 14.30 às 18.00

Sábados das 15.30 às 17.00

No Porto, continua a funcionar a sede da AAPA, sita na Rua d. João IV, 38 1º.

Mil e uma maneiras de apoiar a «Albânia»

TEMOS POUCOS ASSINANTES

Lançámos no último número um apelo a todos os leitores para se tornarem assinantes da nossa/vossa revista. Até ao momento, temos de confessá-lo, os resultados são fracos: apenas cerca de 80 assinantes.

Se queremos assegurar um mínimo de estabilidade à "Albânia" temos de subir bastante o número de assinantes. E, note-se, o interesse é mútuo: nós asseguramos um mínimo de capital inicial e o amigo leitor poupa dinheiro e trabalhos, recebendo em casa um exemplar 4\$00 mais barato.

Para assinar é bem fácil: pega num vale postal, escreve nome e morada, e envia-o no valor de 160\$00 para a AAPA, apartado 2435 de Lisboa.

UM APELO CORRESPONDIDO

Tínhamos pedido no número 1 para nos enviarem moradas de associações culturais, bibliotecas, etc., para onde teria interesse enviarmos ofertas de revistas. Pois grande número de sócios correspondeu ao nosso apelo: dispomos já de uma razoável lista. Mas podem continuar.

AUMENTAR A TIRAGEM

Pode-se dizer que a recepção ao primeiro número foi bastante aceitável já que se encontra praticamente esgotado. Mas, reconheçamo-lo, a tiragem está longe das possibilidades de uma revista como a "Albânia". É possível aumentar a nossa tiragem.

Para este número podemos anunciar um aumento da tiragem na ordem dos 10 por cento. Tal aumento exige maior empenho aos leitores que divulgam a nossa revista, já que o grosso da tiragem vai parar às suas mãos.

No seu local de trabalho pode, com certeza, vender mais revistas do que as vendeu do primeiro número. Pelo menos mais 10 por cento.

MIL E UM APOIOS

Pedíamos mais ideias no último número. Um leitor sugeriu a oferta de uma assinatura pelo Natal. Outro apontava a necessidade de se distribuir a revista nas livrarias centrais das cidades de província. São ideias, mas são precisas mais. Ficamos à espera.

NOVAS PUBLICAÇÕES ALBANESAS

ASSINATURAS ANUAIS

'ALBÂNIA NOVA' 120\$00

'ALBÂNIA HOJE' 180\$00

(Pedidos ao apartado 2435 Lisboa)



MBROJTJA E ATDHEUT DETYRE MBI DETYRA



II SUP ME SUP BARUTIN THATE II

(Gravura de P. Mele)